

4491 (Ed.)

ELEGIA

QUE

NA SENTIDÍSSIMA MORTE

DE

SUA Magestade Imperial, e Real

O SENHOR

D. JOÃO VI.

DE GLORIOSA MEMÓRIA

CONSAGRA

SEU MAIS HUMILDE, E FIEL VASSALLO

Francisco Joaquim Bingre.



PORTO,

NA IMPRENSA DO GANDRA 1826.

Com Licença.

QUE

NA SEDE DA MORTALIDADE

DE

SUA Magestade Imperial, e Real

SONETO.

D. JOÃO VI.

A Ti, que no porvir gravar te he dado,
Nos eternos Padrões, brilhantes feitos,
Que hes livre de temor, e de respeito,
Juiz imparcial nunca peitado:

A Ti, que has-de pezar por lei do Fado,
Da vida dos Mortaes quaesquer effeitos,
E que não sabes com torcidos geitos,
Tocar do vicio o brilho refalsado!

A Ti, recto censor, Posteridade,
Lisia affouta apresenta a fausta gloria
Do maior dos Heroes da humanidade.

De JOÃO VI. immortal censura a historia

“ Eilo ! . . subito acode a Eternidade”

“ Nos transparentes Jaspes da Memoria. ”

—◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆—

ELEGIA.

*Et ipsa virtus praeiunxerit,
Et vera Regi gloria.*

Teive in Sentent.

Pranto, Lusa Nação! Lucto, suspiros,
Vamos levar ao Mauzóleo Augusto,
Collocado nos Tágicos retiros.

Ai! Consternado Povo! Ai! Com que custo
Consagrei em rouca vôz esta Elegia
O Vouguense Cantor ao Rei mais justo!

Treme o seu coração, seu estro esfria,
Vêndo apagada a grande Tocha ardente
Farol do Luso Império, Estrella, e Guia!

Só *Melpomene* triste tem presente,
Enramando-lhe a Lyra de acipreste,
Entre truncados ais, com mão tremente.

Musa dos Funeráes, que empenho he este?
Porque me escaldas em Febêas frágias
Para as Nenias do Vouga me escolheste?

Posso do Rio meu narrar as mágoas,
Vêndo suas campinas enluctadas,
Vêndo turvas correr as suas agoas?

Ai ! de joelhos , tristes , desgrenhadas
 Amiadadamente soluçando ,
 Eu vejo as Nymphas suas consternadas ! . .

Ao mudo bosque , ao mar que está bramando ,
 São seus ais , suas lagrimas que levão
 O caso infausto , triste , e miserando !

Onde se acharão pennas que descrevão
 Esta perda sem pár ? Pinceis : que ao vivo
 Pintar a Lusa dôr , hoje se atrevão ?

He o nosso pezar tão excessivo ,
 Que tregoa não nos dá hum só momento
 A dar a tanta mágoa lenitivo.

Desarmónico , e lúgubre instrumento ,
 He forçoso pulsar-te ? . . Eu vou , ó Musa ,
 Augmentar da Nação o sentimento . . .

Já que ferir-te , ó Lira , não s'escusa ;
 Memorando as acções do Heroe extinto ,
 Releve a dôr que augmento a Gente Lusa.

Fieis Concidadãos , a medo eu pinto
 O quadro que me inspira atra tristeza ;
 E desculpa me dai se for succinto.

JOÃO VI. immortal , que á Natureza
 Devo hum coração , que o Ceo formára
 Por molde pouco usado em Realeza :

O Sabio Chefe Luso , que assombrára
 Manso , Cauto , e Prudente , ao Orbe inteiro ;
 Que na carreira os furacões sustára :

Nosso Imperante Pai , doce , e fagueiro ,
 Nos dous Mundos Monarca respeitado ,
 A Morte em seu altar o fez Cordeiro ,

Apagou-se o Farol , que illuminado
 Tinha d'hum polo a outro o Luso Imperio ,
 Para salvar do escolho a Náo do Estado .

Ai ! Que destro Piloto affouto , e sério
 A seu leme faltou ! . . Elle a guiava
 Segura entre os tufões do espaço aério .

Inda Bóreas ao longe assobiava ,
 Elle cauto , que a furia lhe previa ,
 A tempo as soltas vélas apanhava .

Dotado de huma saã Philosophia
 Foi Mestre de Reinar . Longa experiencia
 Lhe deo huma feliz sabedoria .

Mansamente soffreo sem resistencia
 Os contrarios vaivens da infausta sorte ,
 Que prudente venceo com tempo , e sciencia .

A' cruel ambição do Invasor forte
 As rêdeas affrouxou : virou-lhe o rosto ,
 Para depois lhe dar tremendo córte .

Cobardia não foi ceder-lhe o posto ;
 Foi cautela d'hum Sabio Rei , prudente ,
 Para salvar sem sangue o Reino exposto .

Ah ! Que não tenha eu hoje a vôz gemente ;
 Tão precisa nas tristes Elegias ,
 Para poder carpí-lo amargamente ! . .

Anjos do Ceo ! prestai-me de Jeremias
 Os consternados ais , o amargo pranto
 Para poder chorar tão bom Josias.

Ponde em meus labios de David o canto ,
 Para poder levar com estro acceso
 Virtudes de JOÃO ao Côro Santo.

Mas ah ! Que peço eu no lodo prêzo ?
 Eu me arrojô a implorar unção Divina ?
 Dom a profano Ser sempre defezo ? . . .

A brilhante carreira peregrina
 Do meu excelso Heroe , d'acções famosas
 Hade assustar a Epica Buzina.

São tantas as virtudes assombrosas ,
 Que seu Augusto Coração ornarão ,
 Que augmentão nossas lagrimas saudosas.

Ao pé d'Elle , que são esses que honrarão
 Do Capitolio os marmores Romanos ,
 Onde o orgulho , onde a Fama os elevarão ?

Que tem que vêr os *Numas* , e os *Trajanos* ,
Marcos Aurelios , piedosos *Titos* ,
 Co' Semi-Deos Heroe dos Lusitanos ?

Quando seus dons sem par forem escriptos
 Nas paginas da Historia , em Letras d'ouro ;
 Hão-de os *Evos* com dôr soltar seus gritos.

Hade o VI. JOÃO ter , no vindouro ,
 Nome eterno , assombroso : hade na Frente
 Sempre verde cingir da gloria o louro.

Não hade a Morte conservá-lo ausente
 Dos Lusos corações : nossa lembrança
 Nestes Thronos de amor o tem presente.

Pois que Elle foi a nossa segurança,
 Nosso Piedoso Pai , que aos mesmos filhos
 Ingratos castigou co' a Dextra mansa ;

Nós devemos beijar com dôr seus trilhos,
 Nós devemos seu Féretro sagrado
 Regar com nosso pranto , honrar seus brillos.

Nós nunca o vimos como Nero irado
 Cidades incendiar , lançar ás feras
 Os homens , com brutal prazer , malvado.

Forão do seu Governo as faustas Eras
 Não manchadas co' sangue dos humanos ;
 Poucos destes , ó Fama , tu numeras !

Deslombrou-se a memoria dos Tyrannos
Phalarizes , *Caligulas* ferozes ,
Heliogabálos mãos , vis *Domicianos*.

Nenhum Luso pensou nestes Algozes,
 Destructores fataes da humanidade ;
 Da Tyrannia não se ouvirão vozes.

A' Dextra de JOÃO , tinha a Piedade
 Em seu excelso Throno honrado assento
 E encosto n' alma a natural Bondade.

Dotado d'hum finissimo talento
 Sondava os corações , e os seus refolhos ;
 No futuro fictava a vista attento.

A todos seus Vassallos , com bons olhos ,
Sempre amoroso olhou : e aos delinquentes
Co' perdão ressalvou d'outros escolhos.

Mas da Memoria as portas bipatentes ,
Nos quícios d'ouro abertas , lá diviso
Atulhadas dos Inclitos Parentes ! !

Nos labios Divinaes com meigo riso ,
Ao Filho lá recebe a Mãi maviosa ,
A graã *MARIA* , a Dama do Paraiso ! !

Ai ! Elle foi , como Ella foi piedosa ! !
Por isso ternamente nos seus braços
A Augusta Mãi o aperta carinhosa.

Enfileirados Reis , nos aureos Paços
Semi-Deoses Herôes , lá o cortejão
Lá lhe dão amantissimos abraços

Na face Divinal todos o beijão ;
Dá-lhe o primevo *AFFONSO* a Mão , e o guia :
Sua entrada triumphal todos festejão.

Lá entra na pomposa Galeria
Dos Lusitanos Reis ! ! . brilhante Assento
Lá tem ao pé da Inclita *MARIA* ! !

Daquelle Celestial Ajuntamento
De famosos Herôes , he proclamado
Por memorando Chefe. Ah , que portento ! ! !

Pelos tectos do A'leçar sagrado
Retumbão *vivas* mil. O Excelso Sceptro
De Chefe dos Herôes lhe entrega o Fado.

Em quanto o Corpo seu no triste Ferétro
 Recebe os nossos ais, e o nosso pranto;
 Nos Elysios Jardins ressoa o Plectro.

Mas onde levo eu, rouco, o meu canto?
 Em que Região suster meu Estro espero?
 Que ousado vôo de Aguia aos Ceos levanto?

Se a *Aquilles* decantar não pôde *Homero*,
 As immensas acções do Herôe Divino
 Eu, rasteiro Cantor, numerar quero?

Nem o Grego Clarim, nem o Latino,
 Justos louvores, que lhe são devidos,
 Lhe pôdem dar no Epopeio Hymno.

Ai!.. Pertence-me a mim só dar gemidos!..
 E as tristes Nenas do Vouguense Rio,
 Cantar em roucos sons desfallecidos!..

Em quanto as ternas lagrimas em fio
 As Nymphas suas com pezar derramão,
 Eu devo o choro seu seguir sombrio!

Todos, Grande JOÃO, todos Te chamão
 Com justa dôr, com vivo sentimento,
 Saudosos por Te vêr, os Lusos clamão.

Parece-lhe impossivel, que o cruento,
 Mirrado braço a Morte irada erguesse
 Tão cedo contra Ti! Que monstro odiento!..!

Ai! Dos Tyrannos a cruel se esquece!..
 Leva os bons, deixa os máos, do justo á frente
 Quão temporaã ás vezes apparece!..!

D'hum cabelle subtil he só pendente
Do virtuoso Herôe a amavel vida,
E prende a d'hum cruel brônzea corrente

O' Musá , a minha vôz enfraquecida
Não posso já erguer ! Da mão convulsa
A Lyra já me cahê desfallecida

Sem força o coração no peito pulsa :
Cançada de dar ais minha garganta
Só manda aos labios melodia insulsa.

Se a minha justa dôr te não espanta ;
Deixa-me a Fantazia em soledade
Chorar consigo só desgraça tanta.

Eu quero mitigar minha saudade ;
Toda a agoa repreza no meu peito
Pelos olhos soltar com liberdade.

Tens , ó Musá , o teu gosto satisfeito :
O Canto funeral , que me ordenasté
Ergui no patrio Vouga com respeito.

Nesta escolha infeliz tu te enganasté ;
Não era para mim tão grande Empreza ;
Cysne sem azas já porque buscasté ?

Vai , procura hum Pintor , com ligeireza ,
Que te pinte melhor , qual heu desejo ;
Este energico quadro de tristeza.

D'elles abunda o Douro , abunda o Têjo ;
Lisia tem doces Cysnes sonorosos
Que os Astros cruzão com subtil adejo.

Cantem elles os feitos portentosos
Do famoso JOÃO : q'eu me contento
Em lhe dar , com respeito , os meus saudosos
Suspiros do mais terno sentimento.

F I M.

Canem esse ea felix portiones
De fames JEO : de me certum est
Em le dar, com teste, as suas andas
Sapias de mais forte sentimento

admirando os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711

relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711

relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711

relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711

relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711

relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711

relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711

relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711
relacione com os seus A. 1711